



A IMPORTÂNCIA DE UMA ABORDAGEM CRÍTICA DA HISTÓRIA MEDIEVAL NOS LIVROS ESCOLARES

Matheus Vicente Silva Leão¹

Rodrigo Queiroz de Aguiar²

Claitonei de Siqueira Santos (orientador)³

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é compreender qual o tipo de abordagem o livro didático da educação básica está adotando para o conteúdo da Idade Média e se os mesmos estão em concordância ou contemplando o que é estabelecido em termos do que se propõe no documento denominado currículo? Cabe destacar que o presente trabalho, não se propõe a fazer uma análise de currículo e para o que propôs a desenvolver, destacou-se o manual didático de história do primeiro ano do ensino médio. A metodologia de pesquisa utilizada é de cunho teórico-descritivo bibliográfico; ela possibilitou desenvolver uma análise dos manuais didáticos observando se o conteúdo de história Medieval repassado aos alunos centra na perspectiva da história como processo em constante desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático. Idade Média. Abordagem Crítica.

1 INTRODUÇÃO

O ensino da história Medieval está ligado a um contexto histórico distante, sendo assim, nos equivocamos ao achar que não é necessário estudar ou tentar compreender essa época que é impregnado de anacronismos que contribuem para uma, compreensão muitas vezes distorcida e pautada no senso comum. É preciso romper com essa concepção, entendendo que, conforme destacou Le Goff (1995, p. 149), “na história das civilizações, como na dos indivíduos, a infância é decisiva”. Para o autor acima descrito a Idade Média foi o período que gestou as bases das sociedades por vir. Em direção semelhante, Franco Junior (2006, p. 158) destaca que “de maneira bastante ampla, perigosamente generalizadora, talvez possamos dizer que aquilo que não se fez na Idade Média não se poderia fazer na Idade Moderna”. Portanto, torna-se de suma importância compreender bem este período, pois ele foi a base da estruturação das do Mundo Moderno.

¹ Aluno no ISE (Instituto Superior de Educação), curso de História da Faculdade Alfredo Nasser; mateustimao.ph@hotmail.com.

² Aluno no ISE (Instituto Superior de Educação), curso de História da Faculdade Alfredo Nasser; rodrigoq.aguiar@hotmail.com.

³ Docente no curso de História da Faculdade Alfredo Nasser; Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação/ UFG - claitonei@unifan.edu.br.

No entanto, O que comumente se compreende por Idade Média se concretizou no século XVI. Século este que apresentou uma abordagem preconceituosa do que foi este período, rotulando como uma interrupção ao progresso humano, que havia sido inaugurada pelos os gregos e romanos, e que teria sido retomado somente pelos Renascentistas no século XVI. Portanto para eles, a Idade Média teria sido de completa obscuridade e sem nenhum avanço, mas na atualidade já é possível, devido aos avanços do conhecimento histórico, sobretudo após o movimento da escola dos Annales (BURKE, 1992), contestar tais fatos e compreender a contribuição do Medievo para formação do Ocidente.

Consequentemente, o conhecimento da História do Medievo é capital para entender o período moderno, uma vez que, para compreender o presente é preciso voltar ao passado. Deste modo, torna-se mais significativo os aspectos para a formação de uma consciência crítica, compreendendo os aspectos do período medieval que estão presentes na sociedade contemporânea e as contribuições do Medievo para a sua formação. Desse modo, cabe ressaltar a importância de uma abordagem mais consistente e coerente com as pesquisas para compreensão mais efetiva dos aspectos constitutivos do medievo europeu que contribuíram e estão presentes na sociedade atual.

2 METODOLOGIA

O procedimento metodológico de cunho teórico-descritivo-bibliográfico exige a análise de bibliografias. Assim, elegeu-se como material de análise o conteúdo de história medieval de dois livros didáticos do primeiro ano do ensino Médio, **Novo olhar** e **Ofício de história**, ambos de editoras e anos distintos, justamente para perceber diferenças entre a abordagem do conteúdo de ambos em relação ao que é estabelecido no currículo referencial do Estado de Goiás para o ensino do Medievo.

Seguindo a perspectiva metodológica foi realizada a análise dos autores tais como, Lopes (2018), Nikitiuk (2002), Bittencurt (1997), Burke (1992), Franco Júnior (2006), pois auxiliaram na compreensão de currículo, ensino de história, livro didático e Idade Média, respectivamente. O aporte dos mesmos, juntamente com a metodologia utilizada foram fundamentais para se chegar aos resultados do presente trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Currículo consiste de peça-chave na orientação do trabalho do professor. No entanto, é expressão da representação de interesses de determinado grupo. Conforme destaca Lopes (2006, p. 23) é “mais uma prática de governo em que o Estado, com sua ação onipotente verticaliza suas políticas de currículo e reserva às escolas apenas o papel subordinado de implementação”. Mesmo constituindo-se como chave fundamental no condicionamento dos discursos escolares, apenas parte da cultura produzida pela humanidade acaba sendo repassada. Desse modo, no que diz respeito ao ensino de história, é nítido que há várias lacunas entre o que é ensinado ao aluno e os resultados mais recentes das pesquisas.

Ao analisar o Currículo, ficou explícito que há aberturas para uma leitura crítica. Entretanto, ele ainda reproduz uma abordagem de história limitada, deixando de lado aspectos importantes no que diz respeito aos conhecimentos sobre o Medievo europeu. A gênese ou cerne do que foi à Idade Média, não é abordado de modo que possibilite ao aluno compreender a importância desse período para as futuras gerações. O trabalho que a Igreja católica teve na reorientação, direcionamento dos povos (bárbaros e romanos) que naquele período, se encontravam em desordem e fragmentação é reducionista, deixando lacunas e não apresentando o imenso trabalho que aquela instituição realizou e que se torna crucial para compreensão de sua posição na sociedade contemporânea.

O Currículo ainda continua afastado da realidade do aluno, deixando de lado aspectos da vida cotidiana que remontam à Idade Média como o aperto de mão, carrinho de mão, carnaval etc. O currículo interfere no ensino de história uma vez que sendo instrumento de Estado, “ele constitui o ponto de vista de um determinado grupo hegemônico num dado momento” (ROCHA, 2001, p. 51). O contexto do Ensino de história da Idade Média refere-se a um momento histórico distante do atual., no entanto, isso não justifica a reprodução de aspectos distorcidos do que foi o medievo, tais como a representação de Idade Negra.

Em termos de resultados foi possível compreender que o livro didático está de acordo com o que é proposto pelo Currículo e continua sendo manual referencial de professores, pais e alunos. Enquanto suporte básico dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares, acaba sendo sistematizador de conteúdos propostos no currículo enquanto seleção cultural. Conforme destaca Bittencourt (2005, p. 72) “o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de ideologias, de uma cultura”. Sendo o currículo portador de ideologias de um determinado grupo, o livro didático termina por reproduzir também o *status quo*, abordando uma concepção de história medieval reducionista, sem o

aprofundamento necessário de aspectos importantes da Idade Média, essencial, no nosso entendimento, para a compreensão da sociedade moderna.

Em relação ao sistema Feudal, outra confusão comumente ocorrida é que ao apresentar os grupos sociais que fazia parte do período, bem como o papel da igreja naquele contexto; a abordagem é mais uma vez limitada, reducionista nos livros didáticos analisados não ocorreu abordagens na direção de processo histórico. O que contribui, no nosso entendimento, para uma representação do conhecimento histórico com começo e fim; sem a possibilidade de compreensão, por parte dos alunos, acerca da concepção de processo contínuo, porém, marcado por constantes transformações.

Portanto, entendemos que há uma representação limitada e distorcida em relação às pesquisas realizadas sobre os grupos sociais no sistema feudal. Franco Junior (1992) ao refletir sobre o feudalismo, apresenta sua gênese, demonstrando de forma bastante elucidativa, que todas as estruturas presentes no feudalismo foram herdeiras de um processo histórico que tem suas raízes nos períodos anteriores.

Ainda que o estudo seja embrionário, acredita-se que é urgente repensar o modelo de representação da Idade Média abordado nos manuais didáticos. Primeiro pela sua capacidade de penetração no chão da escola e segundo por constituir material de grande aporte a professores, pais e alunos.

Como este trabalho é embrionário, pretendendo-se dar continuidade, partindo do que foi discutido e analisado, podemos supor que o Currículo é o grande reprodutor de uma postura limitada da história, pois é ele que vai nortear os rumos e o que ensinar. O currículo reproduz o ponto de vista de um determinado grupo, cabe ressaltar qual tipo de conhecimento histórico ele quer reproduzir. A história constitui de um campo do saber de caráter crítico e não cindida e o que se pode observar foi que por meio do currículo a concepção de história apresentada é restrita, norteadando o saber histórico escolar distante das pesquisas realizadas sobre o medievo europeu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem querer causar exagero, mas supondo, como ponto de partida, visto o estudo empreendido ainda ser também embrionário, é possível supor que o currículo é o principal agente da abordagem reducionista do Medievo. Após análise realizada, ficou bastante latente o quanto é extremamente curto o espaço concedido para o estudo do Medievo. Entendido,

conforme Franco Junior (2006) como um período de mil anos. Assim, muitos aspectos importantes para formação das sociedades contemporâneas no ocidente são excluídos.

Desse modo, chega-se ao consenso sem a pretensão de apontar causa e efeito ou verdades absolutas. Porém, no estudo realizado, o currículo apresentou-se com um peso maior nesse processo à medida que limita a abordagem a ser realizada pelo professor no espaço escolar. Portanto, o currículo reforça e ainda reproduz uma história elitista, restrita e acrítica.

O presente trabalho de modo algum está encerrado, pois os debates sobre o Medievo é tema bastante complexo, amplo e interessante que contribuiu para o processo de criação de uma identidade ocidental cristã. Não menos importante também o são as questões sobre a educação escolar. Desse modo, acredita e espera-se que o ponto de partida para uma discussão mais ampla tenha sido realizado.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Passagem da Antiguidade ao Feudalismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BITTENCURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMPOS, Flávio de; PIMENTEL, Júlio Pinto; CLARO, Regina. **Oficina De História**. 2. ed. São Paulo: Leya, 2016. (Livro didático)

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás**. Goiânia: SEE-GO, 2012. Disponível em: <<http://portal.seduc.go.gov.br/Documentos%20Importantes/Diversos/CurriculoReferencia.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.

LOPES, Alice Casimiro. Discursos nas políticas de currículo. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, p. 35-52, jul. / dez. 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/lopes.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

PELLEGRINI, Marco Cesar; DIAS, Adriano Machado; GRINBERG, Keila. **Novo olhar**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. (Livro didático)

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sônia L. (Org.). **Repesando o ensino de história**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.